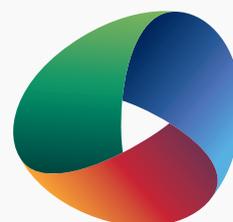




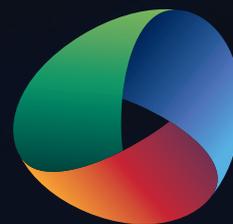
# LIDERAR A COMPETITIVIDADE DE PORTUGAL



**CIP**  
CONFEDERAÇÃO  
EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

**Programa  
dos Órgãos  
Sociais da CIP  
para o Mandato  
2020-2022**





**CIP**  
CONFEDERAÇÃO  
EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

# LIDERAR A COMPETITIVIDADE DE PORTUGAL

março 2020

# Programa dos Órgãos Sociais da CIP para o Mandato 2020-2022



## Índice

- 05** Órgãos Sociais da CIP - Mandato 2020-2022
- 11** 1. Os desafios para Portugal e para as empresas portuguesas
- 17** 2. A CIP ao serviço das empresas e do desenvolvimento do país
- 18** 2.1 Uma Confederação que defende a competitividade das empresas
- 23** 2.2 Uma Confederação que promove o talento e o desenvolvimento de competências para a era digital
- 25** 2.3 Uma Confederação que participa no desenvolvimento de um Portugal sustentável
- 27** 2.4 Uma Confederação comprometida com o reforço do movimento associativo
- 31** 3. Organização eficaz e atuante
- 32** 3.1 Atuação externa e participação institucional
- 33** 3.2 Organização interna





**CIP**  
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

# ÓRGÃOS SOCIAIS DA CIP

MANDATO 2020-2022

# MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

## PRESIDENTE



**Salvador de Mello**  
Individualidade

## VICE-PRESIDENTE



**João Pereira da Cruz**  
J. Pereira da Cruz, SA

## SECRETÁRIO



**Pedro Marques Henriques**  
BONDALTI SGPS, SA

# CONSELHO FISCAL

## PRESIDENTE



**Bruno Bobone**  
CC-Portugal - Câmara de Comércio  
e Indústria Portuguesa

## VICE-PRESIDENTE



**Rui Oliveira Neves**  
GALP Energia, SA

## VOGAL EFETIVO (ROC)



**Pedro Aleixo Dias**

## VOGAL SUPLENTE (ROC)



**Rui Carlos Lourenço Helena**

# DIREÇÃO

## PRESIDENTE



**António Saraiva**

## VICE-PRESIDENTES



**João Almeida Lopes**  
APIFARMA - Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica



**Armindo Monteiro**  
ANETIE – Associação Nacional das Empresas das Tecnologias de Informação e Eletrónica



**Rafael Campos Pereira**  
AIMMAP - Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal



**Carlos Cardoso**  
ANIMEE - Associação Portuguesa das Empresas do Sector Elétrico e Eletrónico



**Jorge Henriques**  
FIPA – Federação das Indústrias Portuguesas Agro-Alimentares



**Isabel Barros**  
APED – Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição

## VOGAIS



**Óscar Gaspar**  
APHP - Associação Portuguesa de Hospitalização Privada



**Paulo Duarte**  
FARMINVESTE, SGPS, SA



**Eduardo Rangel**  
Rangel – Investimentos Logísticos, SA



**Luís Miguel Ribeiro**  
AEP - Associação Empresarial de Portugal



**José Eduardo Carvalho**  
AIP/CCI – Associação Industrial Portuguesa/Câmara de Comércio e Indústria



**Nuno Fernandes Thomaz**  
CENTROMARCA – Associação Portuguesa de Empresas de Produtos de Marca



**António Poças**  
NERLEI – Associação Empresarial da Região de Leiria



**António Redondo**  
CELPA – Associação da Indústria Papeleira



**Elena Aldana**  
MERCADONA / Irmãdona Supermercados, SA



**Fernando Paiva de Castro**  
AIDA CCI - Câmara de Comércio e Indústria do Distrito de Aveiro



**Gonçalo Figueiredo de Barros**  
TRIVALOR



**João da Costa Pinto**  
Individualidade



**José Couto**  
AFIA - Associação dos Fabricantes para a Indústria Automóvel



**Leonor Sottomayor**  
SONAE SGPS, SA



**Luís Rebelo da Silva**  
APQuímica - Associação Portuguesa das Empresas Químicas



**Maria Salomé Rafael**  
NERSANT – Associação Empresarial da Região de Santarém



**Mário Machado**  
ATP – Associação Têxtil e Vestuário de Portugal



**Vítor Neto**  
NERA – Associação Empresarial da Região do Algarve

# CONSELHO GERAL

## PRESIDENTE



**Salvador de Mello**  
Individualidade

## VICE-PRESIDENTES



**António Saraiva**



**João Almeida Lopes**  
APIFARMA - Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica



**Armindo Monteiro**  
ANETIE - Associação Nacional das Empresas das Tecnologias de Informação e Eletrónica



**Rafael Campos Pereira**  
AIMMAP - Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal



**Isabel Barros**  
APED - Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição



**Carlos Cardoso**  
ANIMEE - Associação Portuguesa das Empresas do Sector Elétrico e Eletrónico



**Luís Miguel Ribeiro**  
AEP - Associação Empresarial de Portugal



**Nuno Fernandes Thomaz**  
CENTROMARCA - Associação Portuguesa de Empresas de Produtos de Marca



**Alexandre Fonseca**  
Altice Portugal, SA



**Alexandre Meireles**  
ANJE - Associação Nacional de Jovens Empresários



**Amaro Reis**  
APIP - Associação Portuguesa da Indústria de Plásticos



**Ana Isabel Trigo de Morais**  
Sociedade Ponto Verde



**Ana Maria Couras**  
FIOVDE - Federação das Indústrias de Óleos Vegetais, Derivados e Equiparados



**António Sampaio de Mattos**  
APCC - Associação Portuguesa de Centros Comerciais



**António Trigueiros de Aragão**  
AEBB - Associação Empresarial da Beira Baixa



**César Araújo**  
ANIVC/APIV - Associação Nacional das Indústrias de Vestuário e Confeção



**Fernando Santo**  
Individualidade



**Filipe Granjo Paias**  
APORMED - Associação Portuguesa das Empresas de Dispositivos Médicos



**Filipe Pombeiro**  
NERBE/AEBAL - Associação Empresarial do Baixo Alentejo e Litoral



**Francisco Barroca**  
CERTIF - Associação para a Certificação



**Francisco Frazão Guerreiro**  
APQ - Associação Portuguesa para a Qualidade



**Franquelim Alves**  
Individualidade



**Gregório Rocha Novo**  
Individualidade



**João Cardoso de Albuquerque**  
ACIB - Associação Comercial e Industrial de Barcelos



**João César Machado**  
AGEFE - Associação Empresarial dos Setores Elétrico, Eletrodoméstico, Fotográfico e Eletrónico



**João Faria**  
AICE - Associação dos Industriais da Construção de Edifícios



**João Faustino**  
CEFAMOL - Associação Nacional da Indústria de Moldes



**João Lima de Valença**  
AOPDDL - Associação Operadores Portuários Douro e Leixões



**João Rui Ferreira**  
APCOR – Associação Portuguesa de Cortiça



**Jorge Veiga França**  
ACIF/CCIM – Associação Comercial e Industrial do Funchal/Câmara de Comércio e Indústria da Madeira



**Jorge Marrão**  
Deloitte



**Jorge Pais**  
NERPOR-AE – Núcleo Empresarial da Região de Portalegre – Associação Empresarial



**José de Oliveira Guia**  
ANEME- Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas



**José Galamba**  
APS - Associação Portuguesa de Seguradores



**José Honório**  
Individualidade



**José Luís Ceia**  
CEVAL - Confederação Empresarial do Alto Minho



**José Manuel Lopes de Castro**  
APIGRAF - Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Comunicação Visual e Transformadoras de Papel



**José Maria Freitas**  
ANICP - Associação Nacional dos Industriais de Conservas de Peixe



**José Marinho Magalhães Correia**  
NERVIR – Associação Empresarial



**José Sequeira**  
APICER - Associação Portuguesa das Indústrias de Cerâmica e de Cristalaria



**Luís Braga da Cruz**  
FORESTIS - Associação Florestal de Portugal



**Luís Fernandes**  
ATIC – Associação Técnica da Indústria de Cimento



**Luís Filipe Costa**  
Individualidade



**Luís Filipe Villas Boas**  
APF - Associação Portuguesa de Fundição



**Luís Mira Amaral**  
Individualidade



**Luís Onofre**  
APICCAPS – Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos



**Luís Roque**  
AEC – Associação Empresarial de Cantanhede



**Manuel Tarré**  
Individualidade



**Marco Galinha**  
Grupo Bel



**Mário Pereira Gonçalves**  
AHRESP - Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal



**Miguel Goulão**  
ASSIMAGRA - Associação Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos Afins



**Miguel Matos**  
Tabaqueira



**Nuno Botelho**  
ACP - Associação Comercial do Porto - Câmara de Comércio e Indústria do Porto



**Nuno Maia**  
AISET - Associação da Indústria da Península de Setúbal



**Nuno Paulo de Carvalho**  
APIC - Associação Portuguesa dos Industriais de Curtumes



**Pedro Ferreira de Carvalho**  
AERLIS - Associação Empresarial da Região de Lisboa



**Pedro Matias**  
ISQ - Instituto de Soldadura e Qualidade



**Pedro Mota Soares**  
Individualidade



**Pedro Proença**  
Liga Portuguesa de Futebol Profissional



**Rogério Hilário**  
CEC - Conselho Empresarial do Centro/CCIC - Câmara de Comércio e Indústria do Centro



**Rui Espada**  
NERE – Núcleo Empresarial da Região de Évora – Associação Empresarial



**Ventura Sousa**  
AIN - Associação das Indústrias Navais



**Vital Rodrigues de Almeida**  
ABIMOTA - Associação Nacional das Indústrias de Duas Rodas, Ferragens, Mobiliário e Afins



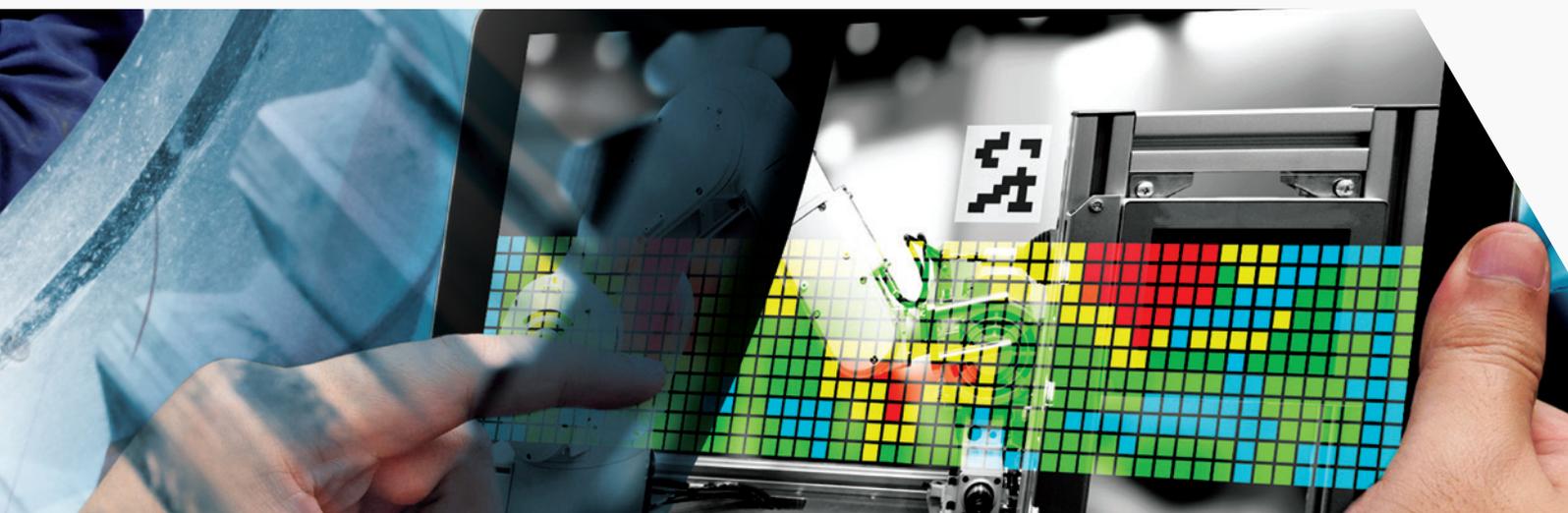
**Vítor Poças**  
AIMMP – Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal





**CIP**  
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

# 1. OS DESAFIOS PARA PORTUGAL E PARA AS EMPRESAS PORTUGUESAS



# 1. OS DESAFIOS PARA PORTUGAL E PARA AS EMPRESAS PORTUGUESAS

Os membros eleitos dos corpos sociais da CIP – Confederação Empresarial de Portugal para o mandato 2020-2022 assumem a responsabilidade e a exigência de prosseguir, nos próximos três anos, a missão de defesa da atividade empresarial nacional, de contribuir para o progresso da economia de mercado e de ser, cada vez mais, um agente de mudança em diálogo com a sociedade.

Esta missão será prosseguida na senda do legado de todos quantos, ao longo de mais de 45 anos, contribuíram para que a CIP tenha, hoje, a representatividade, a credibilidade e o dinamismo que lhe são reconhecidos, conferindo-lhe um papel na sociedade e uma capacidade de intervenção relevantes.

A CIP manter-se-á fiel às causas basilares da defesa do interesse nacional, da economia de mercado, da iniciativa empresarial privada, da valorização e dignificação dos empresários portugueses.

Os desafios que se perspetivam para os próximos anos tornam esta missão mais exigente, para o país e para as empresas, com responsabilidades acrescidas para a CIP.

Colocam-se num contexto em que as elevadas incertezas relacionadas com as tensões comerciais persistem, em que novas ameaças surgem e em que a modesta recuperação esperada para a economia europeia deu lugar a um cenário de um período prolongado de crescimento reduzido e baixa inflação.

No plano interno, a generalidade das previsões aponta para a continuação, nos próximos anos, de uma trajetória de abrandamento da atividade económica. As empresas enfrentam o problema crescente da escassez de recursos humanos qualificados e um enquadramento pouco propício ao investimento e à competitividade, seja ao nível da fiscalidade, seja nas dificuldades de acesso ao financiamento, seja, ainda, ao nível de um ambiente de negócios onde os custos de contexto continuam a ter um peso excessivo.

É neste enquadramento interno e externo adverso que o país e as empresas enfrentarão grandes desafios, imediatos e estruturais, que, não obtendo uma resposta consequente e atempada, condicionarão o desenvolvimento da economia e da sociedade.

E é tendo em conta os seus objetivos e esta envolvente que a CIP se propõe assumir, desde já, neste mandato, **a liderança da agenda portuguesa para a competitividade**, pela força da ação conjunta das empresas e pela agregação dos agentes económicos, políticos e sociais num processo mais vasto, como resposta aquele que é o grande desafio estruturante para o desenvolvimento da economia portuguesa.

Este é um desafio transversal, que resulta, em última análise, da conjugação de respostas a desafios particulares, que têm efeitos multiplicadores na economia e na sociedade.

Os desafios que Portugal e as empresas têm de enfrentar foram já identificados pela CIP, através dos estudos especializados e da reflexão alargada que tem promovido:

- O **desafio da transformação digital e tecnológica**, que deverá ser encarada como motor para alcançar ganhos de produtividade indutores de competitividade e crescimento. Exige mais investimento, mas, também, respostas para os desafios que são o da inovação e, como a ação prospetiva promovida pela CIP tem mostrado, o desafio urgente da requalificação do capital humano e de atração e retenção de colaboradores que detenham um perfil de competências adequado.
- O **desafio dos mercados globais**, que importa vencer através de aumento do grau de internacionalização das empresas portuguesas, dificultado pelas ameaças da onda de protecionismo que hoje vivemos. Neste contexto, é vital uma política económica que coloque a competitividade como preocupação transversal na intervenção do Estado na economia.
- O **desafio do endividamento**, ainda muito elevado, onde encontramos um forte estrangimento ao investimento, exigindo a recapitalização das empresas e a substituição do crédito bancário por novas fontes de financiamento com maior estabilidade.
- O **desafio ambiental e da exploração racional dos recursos**, para o qual a sociedade está cada vez mais desperta. Este desafio exige compatibilizar a política ambiental e climática com as políticas industrial e energética, precavendo riscos, capacitando as empresas para contribuírem com soluções tecnológicas inovadoras e incorporarem os conceitos de economia circular e de preservação dos recursos, sustentando ao mesmo tempo o nível de emprego.

- O **desafio da demografia**, cujas tendências terão um impacto profundo na economia e no mercado de trabalho. O capital humano e a produtividade, mais do que o volume de emprego, afiguram-se essenciais para promover o crescimento no longo prazo. Importa também potenciar oportunidades, por exemplo em termos da inovação tecnológica e do desenvolvimento das ciências da vida, bem como ao nível dos mercados que se geram com novos produtos e serviços que serão procurados por uma população mais envelhecida, mas também ativa até mais tarde.

A conjuntura adversa e os desafios de fundo que Portugal e as empresas enfrentam exigem da CIP uma intervenção determinada, influenciando a reorientação das políticas públicas num sentido mais favorável à competitividade, mas também intervindo na sociedade na agregação de esforços e procura de soluções para cumprir objetivos comuns.

A voz da CIP é tanto mais necessária quanto sabemos que são muitas as pressões para que as políticas públicas continuem a desviar-se deste rumo. É preciso fazer ecoar a mensagem do último Congresso da CIP: só apostando nas empresas poderemos abrir perspetivas para um futuro mais próspero para Portugal.

Temos consciência de que, nos tempos mais exigentes que atravessamos, os desafios que se colocam à sociedade e às empresas se refletem necessariamente no movimento associativo empresarial, tornando mais urgente a necessidade de nos reinventarmos, consolidando uma nova proposta de valor, um conjunto de soluções que prepare as associações para enfrentarem o futuro com sucesso. Só assim o associativismo poderá manter-se como o farol de navegação das empresas e um alicerce da sociedade civil organizada.

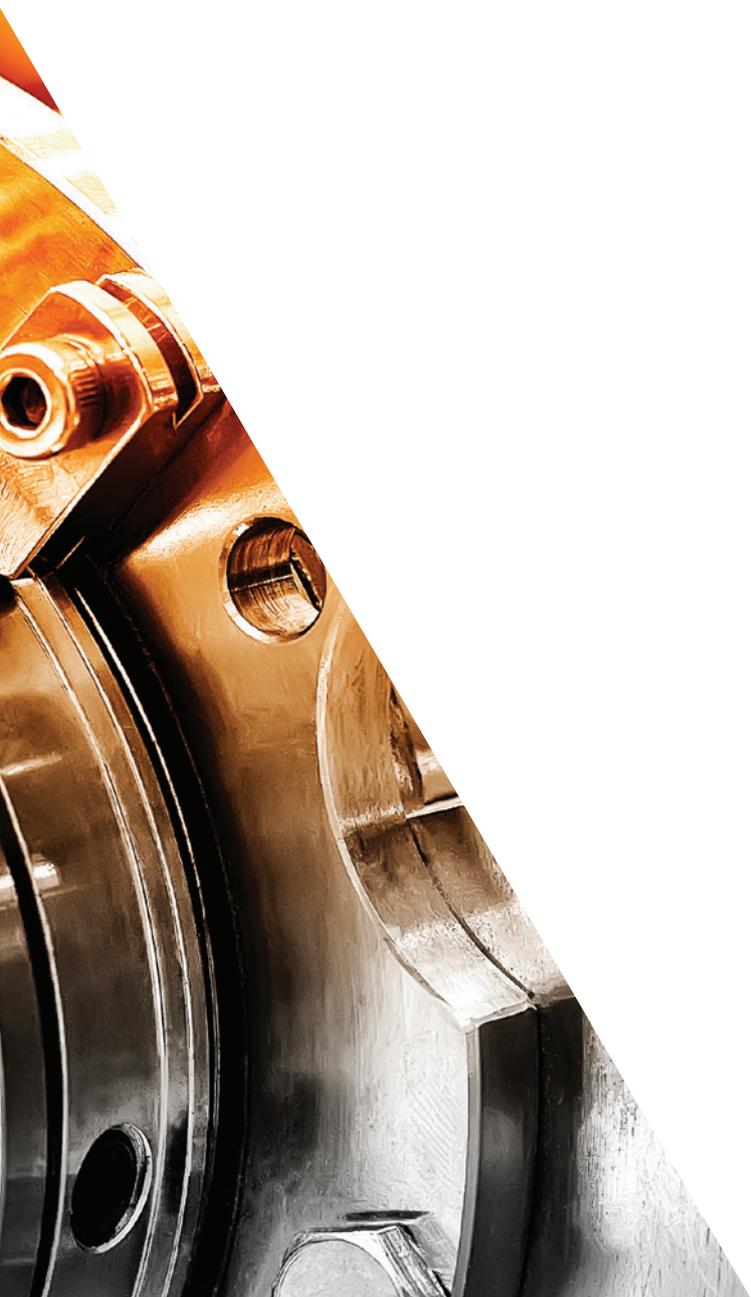
Tudo isto exige o reforço da CIP como a confe-



deração empresarial mais representativa a nível nacional, uma estrutura associativa de empregadores forte, coesa e abrangente, com capacidade para defender mais eficazmente os interesses das empresas e criar valor para a comunidade.

É este o enquadramento do programa de ação dos membros eleitos dos corpos sociais para o triénio 2020-2022, estruturado nos seguintes eixos:

- 1. Uma Confederação que defende a competitividade das empresas**
- 2. Uma Confederação que promove o talento e o desenvolvimento de competências para a era digital**
- 3. Uma Confederação que participa no desenvolvimento de um Portugal sustentável**
- 4. Uma Confederação comprometida com o reforço do movimento associativo**





**CIP**  
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

## **2. A CIP AO SERVIÇO DAS EMPRESAS E DO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS**



## 2. A CIP AO SERVIÇO DAS EMPRESAS E DO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

### 2.1 UMA CONFEDERAÇÃO QUE DEFENDE A COMPETITIVIDADE

A CIP assumirá a defesa da competitividade como premissa essencial para que as empresas sustentem um crescimento económico mais robusto e mais equilibrado, conciliando aumentos salariais e rentabilidade, conquistando quota de mercado nos mercados globais e criando mais emprego.

A competitividade terá de ser alavancada pela produtividade, como condição indispensável à transição em curso para um modelo baseado na inovação e conhecimento, com o correspondente aumento das remunerações.

A CIP vê, assim, a produtividade como a variável mais importante para Portugal alcançar um novo nível de desenvolvimento.

Importa, por isso, relançar o investimento, indispensável à incorporação de inovação tecnológica nos produtos e nos processos. Importa, também, libertar as empresas dos custos de contexto que constituem ainda um evidente fator de perda de competitividade e que tem de ser abordado, nas suas diferentes vertentes.

Assim, em coerência com a linha de atuação subjacente às propostas já apresentadas para o horizonte da atual legislatura, a CIP centrará a sua intervenção:

- na defesa de uma fiscalidade mais favorável ao investimento;
- na procura, promoção e defesa de medidas e soluções que promovam a capitalização das empresas portuguesas e facilitem o acesso ao financiamento;
- na promoção e defesa de um ambiente de negócios impulsionador da inovação e que permita às empresas concentrarem os seus recursos na criação de valor;
- na procura e defesa de um enquadramento sócio laboral que contribua para a melhoria da produtividade e competitividade da economia portuguesa, num clima de paz social.

#### **Fiscalidade**

A CIP promoverá o desenvolvimento de um estudo sobre a fiscalidade portuguesa que possa contribuir para a reflexão sobre a necessária revisão do enquadramento fiscal, tendo em vista o reforço da competitividade e da atratividade da

economia portuguesa. Acompanhará, também, de perto, as questões relacionadas com esta temática, apresentando propostas, defendendo propostas já apresentadas, assumindo posições públicas e intervindo na sociedade na defesa dos objetivos definidos.

No domínio da fiscalidade, é necessário inverter a tendência de aumento da carga fiscal e atenuar os aspetos em que o sistema fiscal português se mostra mais desfavorável, tornando-o mais competitivo, mais previsível e simples, por forma a relançar o investimento de forma duradoura.

A CIP promoverá e insistirá na defesa das propostas concretas que já apresentou, não só com o objetivo da redução gradual da taxa de IRC e das derramas para níveis competitivos com os vigentes na generalidade das economias europeias, mas também com os objetivos específicos de estimular fiscalmente o investimento e o autofinanciamento do mesmo, de discriminar positivamente as PME e o investimento no interior e de corrigir as injustiças, distorções e práticas abusivas que ainda persistem.

Importa conciliar esta atuação com a sustentabilidade das finanças públicas, através de um verdadeiro exercício de revisão profunda das despesas públicas correntes, configurando-o como uma abordagem global, reforçando a sua eficácia em termos de custos e assegurando a orçamentação adequada a todos os níveis da administração pública.

### **Capitalização e financiamento**

A CIP defenderá o apoio ao Sistema Nacional de Garantia Mútua, medidas tendentes à criação de novas fontes de financiamento e capitalização das empresas, a facilitação do acesso das PME ao mercado de capitais e um enquadramento mais favorável ao aumento da dimensão crítica das empresas.

Deverá ser definido claramente o papel a desem-

penhar pelas instituições financeiras públicas no quadro de uma estratégia de reorientação dos recursos financeiros para os setores produtivos, nomeadamente para os que, em concorrência aberta com o exterior, apresentam um maior potencial de ganhos de produtividade.

### **Melhorar o ambiente de negócios e combater os custos de contexto**

Importa promover um ambiente de negócios que liberte as empresas, em especial as PME, dos excessivos custos administrativos e demais custos de contexto que consomem recursos, dificultam o desenvolvimento da atividade produtiva, afastam o investimento e desencorajam o aproveitamento de oportunidades e o surgimento de novas iniciativas empresariais.

Neste quadro, surge também como prioritária a promoção de uma justiça económica célere e eficaz.

Um ambiente de negócios mais propício à inovação implica também o reforço da ligação entre os meios científicos e empresariais, de modo a colocar as competências de que Portugal já dispõe ao serviço de estratégias de inovação das empresas.

Importa ainda promover um ambiente de negócios adequado ao desenvolvimento da economia digital, nomeadamente através de uma regulação responsável, que previna os riscos inerentes à sua atividade e massificação, mas não ponha em causa o potencial económico que o novo paradigma digital proporciona.

### **Enquadramento sócio laboral**

O quadro regulador, nomeadamente, das relações laborais, aqui compreendida a Lei e a Contratação Coletiva, constitui um vetor essencial para a promoção da competitividade das nossas empresas, bem como para o progresso e modernização da nossa sociedade.

A CIP continuará a atuar, quer ao nível nacional

quer ao nível Europeu e Internacional, no sentido de que eventuais desenvolvimentos legislativos nos domínios sócio laborais contribuam para a melhoria da produtividade e competitividade das empresas, num clima de paz social.

A manutenção da paz social, fator decisivo na produtividade e, assim, competitividade das nossas empresas, é preocupação a que dedicaremos permanente e empenhada atenção.

A preparação do **Acordo de Parceria** para o próximo período de programação dos fundos europeus será crucial para as políticas públicas de apoios à competitividade empresarial. A CIP defenderá a focalização dos apoios dos fundos europeus nas empresas, retomando o objetivo de afetar 50% desses fundos para apoio direto à competitividade das empresas.

O investimento empresarial deverá ser, também, indutor de inovação. Neste domínio deve ter-se em conta a importância que a inovação incremental, nas suas diversas vertentes, desempenha na competitividade das PME, e reconhecer o papel essencial a desempenhar pelas associações empresariais, pelos centros tecnológicos e pelas próprias empresas.

No domínio das infraestruturas, a prioridade deverá ser colocada nas infraestruturas para a competitividade, nomeadamente ao nível dos transportes e logística, com vista a uma melhoria da conectividade internacional. É o caso da melhoria das infraestruturas portuárias e das linhas ferroviárias interoperáveis para transporte de mercadorias.

Ao **nível europeu**, as posições a defender pela CIP serão construídas à luz das prioridades que definiu para o ciclo institucional 2019/2024, com o duplo objetivo de coesão e prosperidade.

Destacamos, para a competitividade das empre-

sas, as seguintes prioridades:

- Preservar a política de coesão, contrariando a limitação das verbas que lhe são afetadas e defendendo um sistema de alocação regional justo, que discrimine positivamente as regiões menos desenvolvidas, bem como as que enfrentam particulares desafios, nomeadamente as ultraperiféricas. A política regional deve ser simplificada e tornar-se mais eficiente, nomeadamente através de um sistema de controlo mais fácil e de uma abordagem integrada dos diferentes fundos;
- Fomentar o investimento e a implementação de uma nova estratégia industrial, baseada na inovação, digitalização e progresso tecnológico, e que respeite a política de concorrência e o bom funcionamento do mercado interno;
- Defender um sistema de comércio internacional baseado em regras comuns e uma política comercial que prossiga com a celebração de acordos bilaterais e multilaterais e assegure uma efetiva proteção das empresas europeias contra práticas desleais de países terceiros. O fortalecimento das relações políticas e económicas com o continente africano continuará a merecer uma particular atenção por parte da CIP;
- Proteger e completar o mercado único, avançando com determinação em domínios onde a fragmentação dos mercados é mais notória, como a economia digital e a energia. É vital para Portugal completar o mercado único da energia e que este seja dotado das indispensáveis interconexões transfronteiriças de gás natural e eletricidade;
- Aprofundar a União Económica e Monetária, permitindo a condução de uma estratégia macroeconómica global coerente, nas suas vertentes de política estrutural, orçamental

e monetária, e libertando a área do euro dos efeitos recessivos de uma correção dos desequilíbrios macroeconómicos exclusivamente focada na disciplina orçamental das economias deficitárias. As regras orçamentais da zona euro devem ser revistas, tornando-as mais simples, mais operacionais, mais transparentes e mais favoráveis ao crescimento. O aprofundamento da União Económica e Monetária deverá passar, igualmente, pela criação de uma capacidade orçamental para a zona euro que contribua para a estabilidade, o impulso do investimento nas reformas estruturais nacionais, bem como pela conclusão da União Bancária e pelo desenvolvimento de uma União dos Mercados de Capitais que promova a diversificação das fontes de financiamento das empresas.

- Assegurar que as empresas estão presentes e são um parceiro no desenrolar dos objetivos do pacto ecológico Europeu.

## 2.2 UMA CONFEDERAÇÃO QUE PROMOVE O TALENTO E O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA A ERA DIGITAL

O capital humano – o conhecimento e as competências necessárias para o colocar ao serviço da criação de valor – é, cada vez mais, o principal fator de competitividade e o principal ativo de qualquer empresa ou de qualquer país.

A CIP está consciente de que a captação e retenção de talentos e o desenvolvimento de competências são, a par do investimento e de um ambiente de negócios favorável à atividade empresarial e à inovação, condições necessárias para que a transformação tecnológica e digital possa impulsionar um salto significativo na pro-

ductividade das empresas e no bem-estar económico dos portugueses.

Por outro lado, a transformação tecnológica e digital, ao reduzir necessidades de emprego em determinadas ocupações, criando, simultaneamente, oportunidades e novas atividades noutras áreas, impõe a necessidade de um exigente processo de reconversão da força de trabalho e da sua permanente adequação às necessidades do mercado.

Os membros eleitos dos corpos sociais da CIP estão conscientes, também, de que a falta de profissionais com competências adequadas às necessidades das empresas é um problema real, sentido por um grande número de empresas de diversos setores.

Neste domínio, a CIP promoveu a produção do mais completo estudo feito em Portugal sobre o impacto da automação no futuro do trabalho, e a realização de conferências de cariz regional e nacional, que contribuíram para a tomada de consciência sobre os desafios da qualificação e da requalificação do trabalho em função das necessidades do processo de digitalização da economia e para a reflexão sobre as medidas e as decisões necessárias para definir respostas. No seguimento, a CIP apresentou também um conjunto de propostas para dar resposta aos desafios que se colocam neste domínio.

Ao nível do **sistema educativo**, um dos objetivos que defendemos é a valorização e a integração, desde os primeiros anos de escolaridade, de competências digitais e de competências comportamentais e sociais que permitam uma capacidade de ajustamento permanente a um mundo em acelerada mutação. Deve estar também presente a necessidade de promover cursos, nomeadamente técnico-industriais, adequados às necessidades do mercado, bem como a introdução de formatos alternativos de ensino, que



aproximem as escolas das empresas e vice-versa, como, por exemplo, mecanismos de alternância entre escola e empresa.

Quanto ao **sistema de formação profissional**, as propostas vão no sentido de valorizar os Centros Protocolares de Formação e as organizações formativas empresariais no esforço de requalificação da atual força de trabalho, orientando os trabalhadores para o mundo digital e para as necessidades presentes e futuras das empresas. Exige-se que esses centros sejam dotados das verbas necessárias para que desenvolvam todo o seu potencial, permitindo que inovem e disponibilizem programas de formação de ativos que respondam às necessidades das empresas.

Nesse sentido, o **próximo ciclo de fundos europeus** deverá reforçar os recursos destinados à formação de ativos e ao desenvolvimento de competências através da aprendizagem ao longo da vida, com um forte envolvimento das Associações Empresariais e dos centros de formação profissional com vocação empresarial, através de instrumentos como formação-ação, cheque formação, unidades de curta duração ajustadas às necessidades das empresas, formação à medida e estágios com tutoria empresarial.

Também ao **nível europeu**, a revolução digital em curso exige um forte investimento nas qualificações e competências, no contexto da aprendizagem ao longo da vida, por forma a promover o desenvolvimento das empresas e dar resposta às carências dos trabalhadores. Isso justifica um maior apoio aos Estados Membros nos seus esforços para garantir que os sistemas de educação e formação oferecem resultados de aprendizagem mais adequados às necessidades do mercado de trabalho e das empresas.

Por outro lado, a União Europeia deve avançar no reconhecimento mútuo de qualificações e combater encargos administrativos e restrições que

dificultam a livre circulação de trabalhadores, promovendo a sua **mobilidade** e facilitando a livre circulação de serviços no mercado único.

Defendemos também, em Portugal e na Europa, uma **política migratória** com o objetivo de atração e integração de ativos com capacidade para serem inseridos nos setores mais necessitados de recursos humanos.

Com o objetivo de reforçar a oferta formativa e orientá-la para a resposta às necessidades presentes e futuras da sociedade e das empresas, a CIP dará seguimento ao seu projeto **ReSkill Hub - Observatório Português de Requalificação Profissional**, em parceria com a Nova School of Business and Economics, criando uma plataforma que irá implicar, numa primeira fase, o mapeamento das necessidades de requalificação em Portugal, reais, atuais e futuras, em estreita articulação com as empresas, além do levantamento da oferta formativa atualmente existente.

Com o objetivo de apoiar as empresas na sua gestão de talentos, daremos igualmente seguimento ao **Projeto Promova**, um Programa de Formação Executiva dirigido a mulheres, com uma componente de apoio personalizado ao desenvolvimento profissional, com o qual queremos promover uma maior presença feminina nas funções de liderança.

## **2.3 UMA CONFEDERAÇÃO QUE PARTICIPA NO DESENVOLVIMENTO DE UM PORTUGAL SUSTENTÁVEL**

A CIP posiciona-se como o motor do envolvimento das empresas na resposta aos desafios ambientais, nomeadamente no combate às al-

terações climáticas e exploração racional dos recursos, e está comprometida em apoiar as empresas a desempenharem as suas atividades com base em princípios de sustentabilidade.

Portugal está, com toda a União Europeia, comprometido com os objetivos do Acordo de Paris sobre as alterações climáticas. Este compromisso reflete-se no Pacto Ecológico Europeu (Green Deal) lançado em dezembro de 2019 pela Comissão Europeia.

Nesta iniciativa, a Comissão assumiu o objetivo de reconciliar a economia com o planeta e fazê-la funcionar para as pessoas, coincidindo com a nossa visão de que este caminho deve ser feito com as empresas, tendo em conta o impacto na competitividade empresarial, nomeadamente face à concorrência mundial.

Assim, a CIP acompanhará, ao nível nacional e europeu, a implementação deste Pacto, intervindo, a estes dois níveis, à luz das orientações e das propostas apresentadas para os próximos anos.

Deverão ser salvaguardadas as seguintes condicionantes estratégicas para a economia:

- Regras de mercado globais e aceites internacionalmente pela maioria dos seus participantes – A União Europeia lidera mas o resto do mundo deve cumprir a sua parte;
- Alinhamento da abordagem nacional com o contexto europeu, evitando assimetrias e distorções de concorrência;
- Gradualismo na mutação das economias e dos mercados, minimizando disrupções na economia e no emprego;
- Viabilidade económica e tecnológica dos objetivos e das soluções subjacentes às políticas definidas.

Em particular, deverão ser precavidos os riscos e desafios da adesão de Portugal ao objetivo europeu da neutralidade carbónica em 2050, nomeadamente:

- Promovendo de forma urgente a integração de Portugal no Mercado Único da Energia e, muito em especial, garantindo o reforço das interligações elétricas entre França e a Península Ibérica: quer em termos de metas, quer em termos de fiscalidade, os compromissos a assumir por Portugal devem estar condicionados a um nível de interligações suficientes, que garantam que o mercado de energia funciona;
- Adotando orientações que privilegiem a extensão da vida útil das infraestruturas e redes energéticas através das soluções mais competitivas na redução da carga carbónica dos combustíveis, seja pelo desenvolvimento dos combustíveis sintéticos ou dos biocombustíveis, seja pelo seu enriquecimento em hidrogénio;
- Evitando a imposição de soluções tecnológicas e, em particular, procedendo à avaliação económica e setorial das soluções com vista à eletrificação das atividades, a qual tem largo potencial de crescimento, embora não seja uma solução universal.

Um eixo fundamental da intervenção da CIP será o reconhecimento das empresas como motor da transição para uma economia mais circular, baseada na inovação e na iniciativa empresarial. Ao nível legal, impõe-se um novo enquadramento, de resto já prometido, para as matérias residuais ou secundárias que liberte esse potencial realizador, ainda preso em regras que não servem os objetivos atualmente assumidos.

A nossa intervenção estender-se-á a outras áreas, como a promoção da eficiência energética



ca, o apoio ao investimento florestal e uma mobilidade mais amiga do ambiente, nomeadamente através do desvio significativo do transporte de mercadorias do modo rodoviário para o modo ferroviário.

Neste último domínio, é de relevar a importância do investimento no transporte ferroviário de mercadorias (Corredores Internacionais Norte e Sul), promovendo a ligação em via dupla e bitola europeia entre Portugal e o resto da Europa - onde se localizam os principais mercados de destino das exportações portuguesas de bens.

De um modo transversal, privilegiamos medidas de incentivo à investigação e ao investimento em tecnologias inovadoras, por oposição a instrumentos de natureza sancionatória ou penalizadora da competitividade empresarial.

## **2.4 UMA CONFEDERAÇÃO COMPROMETIDA COM O REFORÇO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO**

Os membros eleitos dos corpos sociais da CIP defendem a necessidade de representação empresarial em Portugal convergir para a união das Confederações de Empregadores, dando assim mais força à defesa da voz das empresas e da iniciativa privada. Nunca deixaremos de trabalhar nesse sentido.

Ao nível do reforço da representatividade da CIP, continuaremos o trabalho de aproximação às associações e empresas não representadas na Concertação Social, demonstrando-lhes as vantagens de ser associado da CIP e de participar na definição das posições da mais influente Confederação de Empregadores.

Mas hoje o desafio é ainda maior: o movimento associativo empresarial tem de se antecipar aos desafios da digitalização, tem de conseguir afir-

mar o seu valor na sociedade, saber adaptar os seus serviços a uma classe empresarial cada vez mais exigente e informada.

Neste mandato será implementada a estratégia de estruturação e qualificação das associações de representação regional e local desenhada no mandato anterior, no âmbito do Conselho Associativo Regional, para que estejam preparadas para desenvolver serviços para as empresas cada vez mais exigentes e adaptados às suas necessidades.

Continuaremos a apoiar o trabalho em rede das Associações de Empregadores que lhes permita partilhar melhores práticas e desenvolver abordagens conjuntas a temas transversais.

Continuaremos a acrescentar valor à relação entre a CIP e os seus associados. Ser associado da CIP significa:

- Ter Influência sobre as posições que a CIP defende enquanto parceiro social no CES, CPCS e em mais de 150 representações nacionais, sobre os grandes tópicos que moldam a economia nacional;
- Receber informação antecipada sobre políticas públicas e os processos legislativos e regulatórios, nacionais e europeus;
- Participar e ter acesso a estudos e prospetiva da atividade económica e do impacto sobre as empresas de diferentes cenários de política económica;
- Ter acesso a uma rede de contactos empresariais e de centros de decisão nacionais e internacionais.



**CIP**  
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

# 3. ORGANIZAÇÃO EFICAZ E ATUANTE



## 3. ORGANIZAÇÃO EFICAZ E ATUANTE

### 3.1 ATUAÇÃO EXTERNA E PARTICIPAÇÃO INSTITUCIONAL

Em todos os domínios, a CIP centrará a sua intervenção, a nível nacional, diretamente junto dos órgãos de soberania e através da sua participação nas inúmeras estruturas formais e outros fóruns em que está representada.

Esta intervenção será concretizada por ocasião da discussão dos principais documentos que suportam a política económica e social, mas também de forma contínua, no acompanhamento regular da produção legislativa, e de forma pró-ativa, através da apresentação de propostas.

Construiremos as nossas posições em consonância com a estrutura associativa, auscultando os associados, recolhendo as suas sugestões e procurando um contacto mais próximo com a sua realidade e com a das empresas que representam.

A CIP valorizará a **Concertação Social** como espaço privilegiado para a sua atuação e desenvolverá todos os esforços necessários para devolver uma maior amplitude à sua intervenção e um novo dinamismo e acrescidas responsabilidades, contribuindo para políticas mais realistas e para as reformas de que o país carece, num clima de confiança e de estabilidade social.

No mundo global em que nos inserimos, muitas das decisões que condicionam a atividade das nossas empresas e a orientação imprimida às políticas públicas são tomadas a nível internacional e, sobretudo, a nível europeu.

Como única representante portuguesa na **BusinessEurope**, a organização de cúpula do associativismo empresarial a nível europeu, a CIP tem a responsabilidade de assegurar que a voz das empresas portuguesas é tida em consideração nos processos de decisão europeus. Assim, a CIP atuará de forma cada vez mais participativa na preparação das posições da BusinessEurope.

Ao mesmo tempo, a CIP continuará a reforçar a sua atuação junto dos Membros do Parlamento Europeu, da Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia (REPER) e da Comissão Europeia. Neste contexto, conta ainda com a participação do elemento do Comité Económico e Social Europeu nomeado pela CIP.

Ainda ao nível internacional, a CIP continuará a intervir na Organização Internacional de Empregadores (OIE) no quadro dos trabalhos desta organização em matérias sócio laborais, e reforçará a sua participação como membro do Comité Empresarial da OCDE (Business at OECD) e do Conselho Empresarial IberoAmericano.

## 3.2 ORGANIZAÇÃO INTERNA

As empresas e a sociedade portuguesa precisam de uma Confederação forte, que antecipa eficazmente as suas preocupações e atua intransigentemente em defesa da iniciativa privada e da competitividade da economia.

Os desafios apresentados exigem uma Confederação ainda mais forte, com órgãos sociais e consultivos que participem na reflexão, tomada de posição e ação atempada da CIP em defesa das suas ideias e no cumprimento dos seus objetivos.

No mandato 2020-2022 pretende-se reforçar a participação dos associados na definição da atuação diária da CIP e dotar a CIP dos meios humanos e financeiros que permitam responder de forma cabal à participação e às necessidades dos seus associados.

Com um enquadramento político, social e económico mais volátil, a nova estrutura de governação da CIP facilitará uma intervenção mais regular da Direção da CIP na definição das estratégias de intervenção e comunicação das atividades, posições e pareceres técnicos da CIP.

Os candidatos aos corpos sociais propõem-se organizar a atuação da Confederação em 5 vetores principais:

### 1. Definição de políticas públicas (Policy)

Enquanto voz das empresas, a CIP deve acompanhar na globalidade o processo legislativo e regulamentar, nacional e europeu, que tenha impacto na economia nacional e nas empresas que atuam em Portugal. Serão mapeados temas estruturantes, como o Orçamento do Estado, alterações legislativas com impacto nas empresas e Acordos de Concertação Social, o que permitirá marcar a agenda e intervir estrategicamente junto de todos os stakehol-

ders: governo, partidos políticos, organismos públicos, universidades, parceiros sociais e diversas organizações representativas da sociedade. Ao mesmo tempo, a CIP manter-se-á um parceiro ativo na BusinessEurope, nomeadamente ao nível da definição das posições da confederação europeia.

### 2. Notoriedade/Reconhecimento

A CIP é o polo agregador das associações e das empresas, aparecendo como uma entidade interventiva com posições bem fundamentadas em prol da iniciativa privada e da competitividade.

Neste mandato, será reforçada a atuação no que diz respeito à notoriedade da marca CIP em torno dos seguintes eixos: A Voz das Empresas; A Confederação mais Representativa e Influyente; Atuação com Competência e Rigor; Criadora de Valor para a Sociedade.

### 3. Comunicação

A comunicação é um vetor fundamental para a concretização dos objetivos a que a CIP se propõe, interna e externamente, na relação com os associados e na capacidade de intervenção pública.

A Direção da CIP definirá uma estratégia de comunicação (definindo objetivos, meios, interlocutores, formas e mensagens chave) que será implementada pela estrutura técnica.

Será feito um acompanhamento exaustivo da atualidade, de modo a permitir que a CIP possa assegurar a capacidade de intervenção em todos os temas considerados relevantes para a persecução dos seus objetivos.

A comunicação com os associados será reforçada, com a utilização de meios tecnológicos

que permitam a criação de uma rede interna de partilha de informação rápida, direta e bidirecional.

A CIP continuará a dar a conhecer a sua atividade junto de associações empresariais e empresas, demonstrando a vantagem de fazer parte desta Confederação, tendo em vista alargar a sua representatividade e reforçar a sua identidade enquanto interlocutor de referência em nome das empresas.

#### 4. Representatividade e Coesão

No novo mandato serão desenvolvidas medidas que permitam um maior envolvimento de todos os associados na preparação de posições coesas e na sua integração na estratégia de comunicação global da CIP.

O alargamento da representatividade da CIP a novos setores de referência e a realidades empresariais particularmente dinâmicas em termos de inovação e internacionalização proporciona à Confederação um universo mais abrangente e traz consigo uma maior responsabilidade na expressão e defesa dos interesses transversais à economia e às empresas no seu conjunto. Na sequência do trabalho desenvolvido com os setores já representados, a CIP será intérprete dos anseios de todos os seus associados e porta-voz dos seus interesses comuns.

Os candidatos aos corpos sociais da CIP consideram que os Conselhos Consultivos da CIP são fundamentais para a preparação de posições fundamentadas, em temáticas estruturantes para as empresas devendo por isso ser reforçada a sua intervenção na preparação das posições e interação com a Direção da CIP e alargada a sua área de intervenção. Neste contexto, pretende-se criar os seguintes Conselhos Consultivos:

- **Conselho do Comércio, Serviços e Consumo de Portugal**, que abordará as temáticas referentes às políticas que afetam os setores do comércio e dos serviços, nomeadamente a distribuição comercial e o consumo, englobando os anteriores Conselho do Comércio Português e Conselho dos Serviços de Portugal;
- **Conselho Estratégico para as Relações Internacionais**, que abordará as políticas de internacionalização, tanto em matéria de exportação e investimento como em matéria de desenvolvimento e cooperação, englobando assim o anterior Conselho Estratégico para a Cooperação, Desenvolvimento e Lusofonia Económica;
- **Conselho Estratégico para a Economia do Mar**, que promoverá propostas de atuação e de políticas inerentes à implementação da estratégia nacional do mar, permitindo potenciar as oportunidades económicas de valorização dos recursos naturais portugueses.
- **Conselho Estratégico para os Assuntos Fiscais e Segurança Social**, que fará o acompanhamento próximo das políticas e das questões relacionadas com fiscalidade e segurança social, desenvolvendo propostas de atuação e soluções concretas para os problemas detetados.

Será, também, reforçada a atuação dos seguintes Conselhos:

- Conselho da Indústria Portuguesa;
- Conselho Estratégico Nacional da Saúde;
- Conselho Estratégico Nacional da Energia;
- Conselho Estratégico Nacional do Ambiente e Clima;
- Conselho Estratégico para a Economia Digital.

Serão ainda criados dois grupos de trabalho dedicados ao próximo ciclo de programação dos fundos europeus à Investigação e Inovação.

## 5. Organização da Estrutura Técnica

A CIP pretende dotar-se dos meios humanos e financeiros adequados e suficientes e assegurar que a respetiva alocação funcional responda às necessidades de uma organização mais ativa, com maior capacidade de intervenção na comunidade e próxima dos associados.

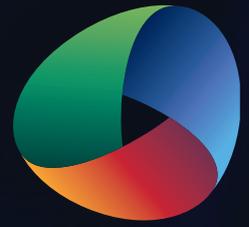
A revisão da estrutura organizacional tem

como objetivo assegurar que a CIP está preparada para responder aos desafios identificados e para desempenhar as ações necessárias à implementação do presente plano estratégico.

É fundamental ultrapassar as questões de sustentabilidade financeira sem nunca perder a independência face ao poder político.

Serão, em particular, reforçados os recursos no âmbito da comunicação, dos assuntos europeus e das temáticas inerentes aos desafios da transformação digital e do ambiente e clima.





**CIP**  
CONFEDERAÇÃO  
EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

**LIDERAR A  
COMPETITIVIDADE  
DE PORTUGAL**



## **SOBRE A CIP**

A CIP – Confederação Empresarial de Portugal representa, através da sua rede associativa mais de 150.000 empresas. É a maior e mais abrangente confederação empresarial nacional.

Fundada em 1974, tem como visão ser a confederação empresarial mais representativa a nível nacional, uma estrutura associativa patronal forte, homogénea e coesa que possa defender eficazmente os interesses das empresas portuguesas e representa, de uma forma transversal e equilibrada, entidades associativas sectoriais e regionais, bem como todas as Câmaras de Comércio e Indústria de Portugal.

Faz parte, a nível nacional, do Conselho Económico e Social e da Comissão Permanente de Concertação Social, entre muitos outros órgãos consultivos e comissões especializadas, e, a nível internacional, da BUSINESSEUROPE, OIE e OIT.

Tem a sua sede em Lisboa e delegações no Porto e em Bruxelas.

### **SEDE**

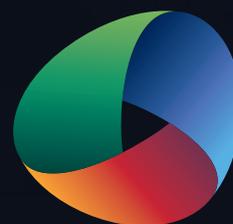
Praça das Indústrias  
1300-307 LISBOA  
T. (+351) 21 316 47 00  
F. (+351) 21 357 99 86  
geral@cip.org.pt  
NIF: 500 835 934

### **PORTO**

Av. Dr. António Macedo  
4450-617 Leça da Palmeira  
T. (+351) 22 600 70 83  
F. (+351) 22 606 20 10  
associados@cip.org.pt

### **BRUXELAS**

Av. de Cortenberg, 168, 6<sup>ème</sup>  
B-1000 Bruxelles  
BELGIQUE  
cipbrussels@cip.org.pt



**CIP**  
CONFEDERAÇÃO  
EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL



**CIP**  
CONFEDERAÇÃO  
EMPRESARIAL  
DE PORTUGAL

-  CIP - Confederação Empresarial de Portugal
-  CIP - Confederação Empresarial de Portugal
-  @cip\_empresarial
-  Confederação Empresarial de Portugal

[cip.org.pt](http://cip.org.pt)